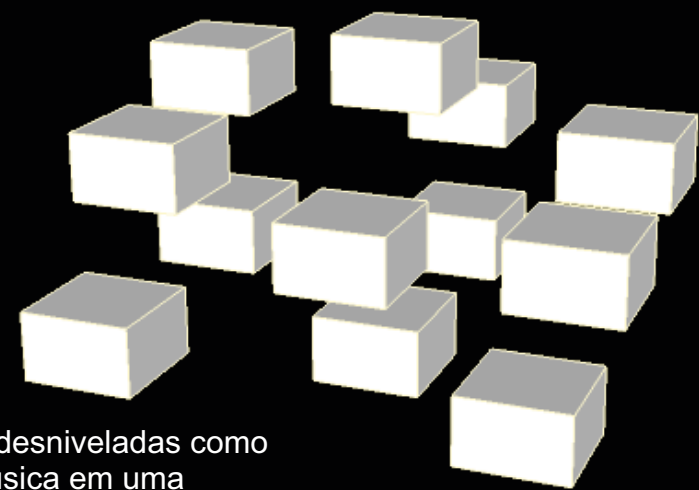
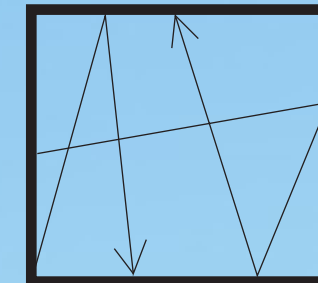
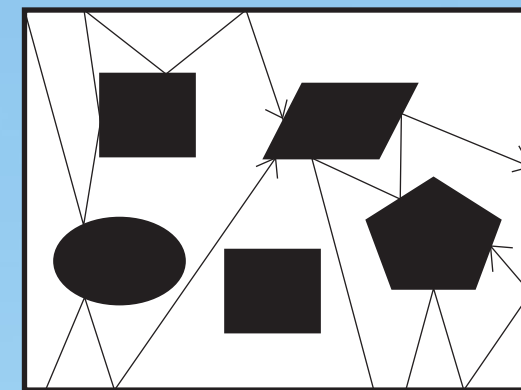
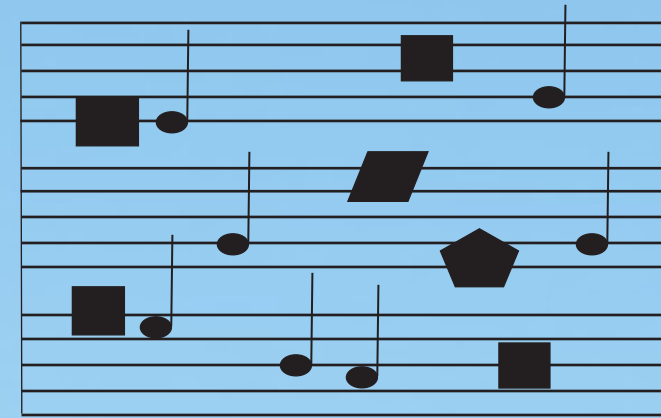
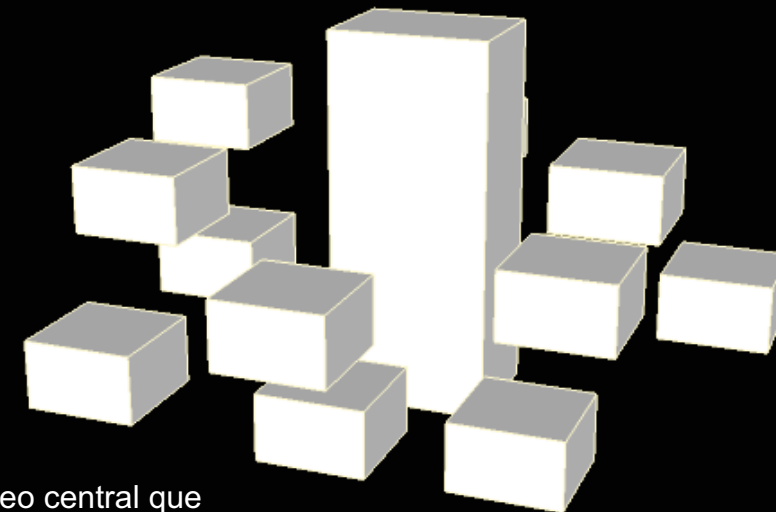
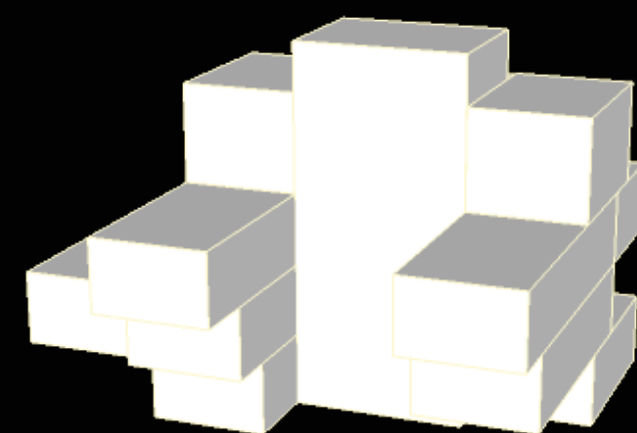




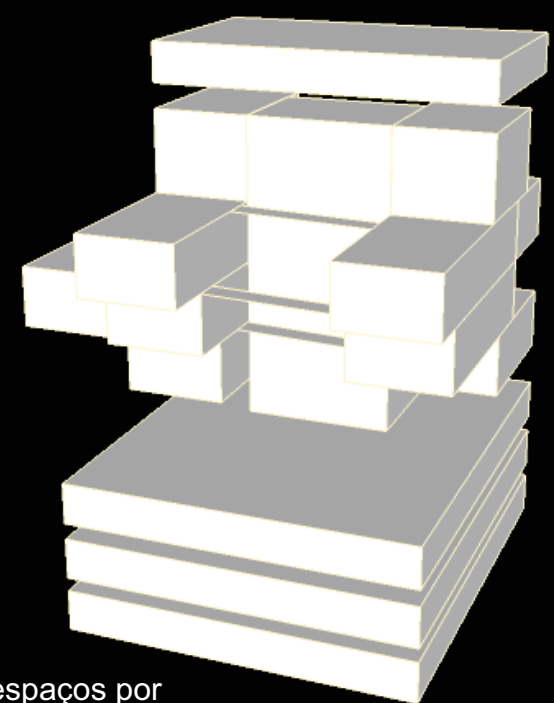
Caixas desveladas como uma música em uma partitura.



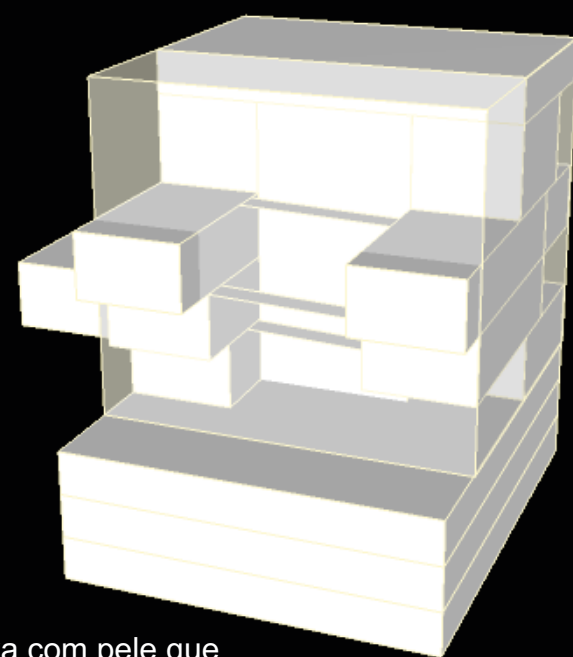
Núcleo central que concentra as funções de circulações verticais objetivas, BWCs, apoio e núcleo estrutural.



Reconfiguração formal adaptada às funções exercidas pelos espaços.



Ligação dos espaços por rampas e pavimentos, servidores: administração, setor técnico e estacionamentos.



Grande caixa com pele que envolve todo o complexo.

Do caos à transcendência, através da vivência musical e espacial. O Museu da Música é um museu interativo. Ou seja, terá exposições e acervos que permitam a interação do público com a música. Desta forma, a conformação do museu foi pensada para abrigar este tipo de exposição, característica que difere-o de um museu de obras de arte convencional. Localizado na cidade de Curitiba, tem em sua proposta levar os visitantes por um passeio contínuo no qual estes se deparem a todo momento com surpresas e contrastes. O conceito do Museu se baseia em uma teoria do conforto, em que existem níveis pelos quais as pessoas passam para ir de uma situação caótica (o mundo) à uma situação de conforto tamanho que se possa transcender.

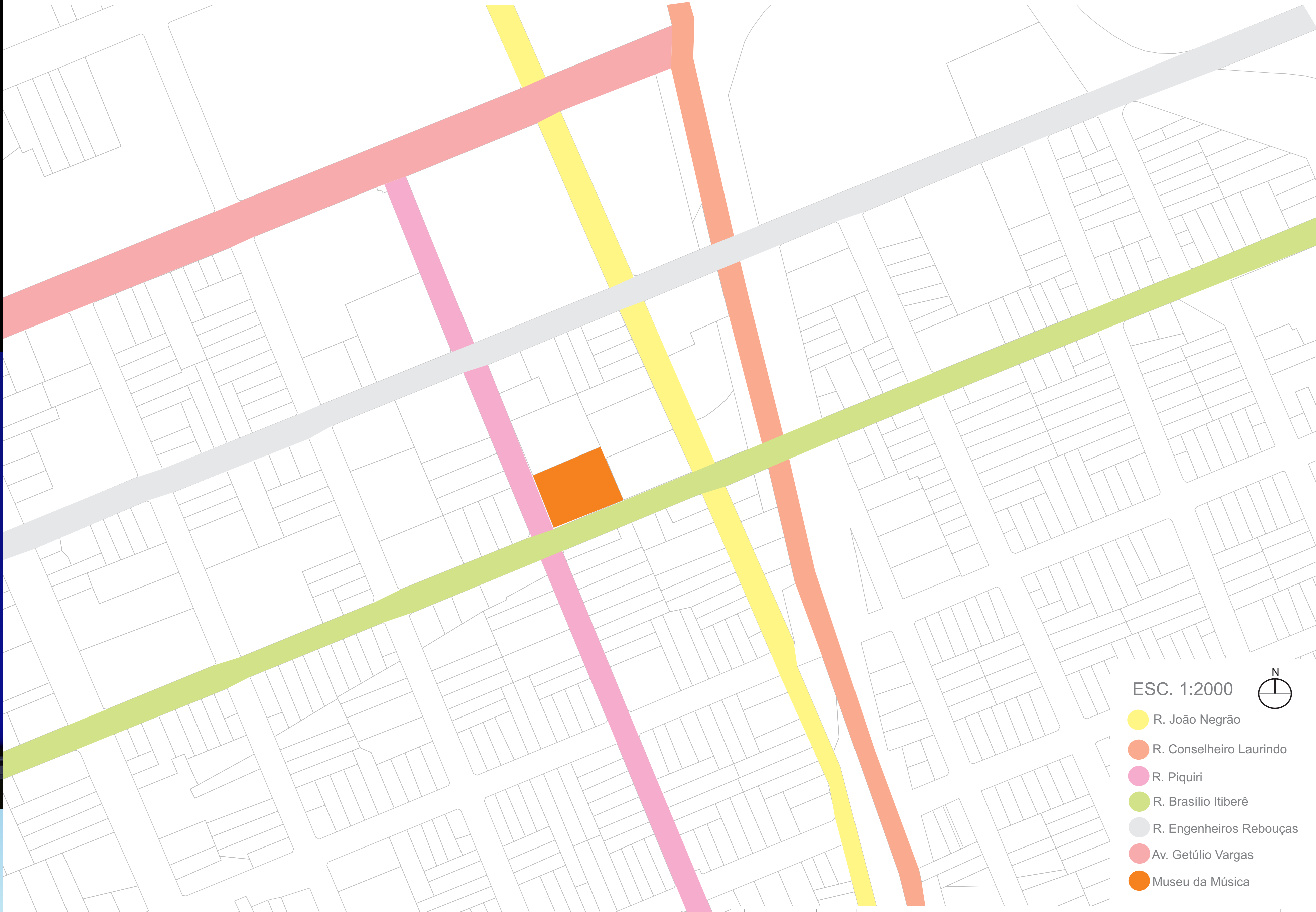
O projeto arquitetônico pretende retirar as pessoas do caos que é o mundo, ao menos por alguns momentos, e levá-los por caminhos que os permitam se desligar momentaneamente da realidade e interagir com as exposições. Este conceito de conforto passa pelos seguintes estágios: Sair do caos, sentir alívio por ter saído, saber que por hora você pode permanecer fora do caos, passar a perceber e desfrutar do novo estado em que se encontra, para por fim, poder transcender. Este contraste entre a situação caótica inicial, e a transcendência, é a base conceitual do museu, incidindo em seus aspectos formais e acústicos. Claros contrastes caracterizam duas situações distintas no museu: A grande caixa de vidro que envolve as outras, representa o caos presente no mundo, permitindo uma grande incidência de luz natural e que o som da cidade se misture com o som dentro do museu, causando um pequeno caos acústico proposital.

A segunda situação, encontrada dentro das caixas menores, aonde estão as salas de exposição, é caracterizada pelo oposto à primeira: predominância de luz artificial, menor incidência de luz, acústica controlada, e a possibilidade de interação com as exposições. Ao adentrar as salas de exposições, os visitantes terão o primeiro estágio de alívio do caos, podendo em sequência chegar à transcendência com a interatividade. As salas criam uma ambiência que faz com que as pessoas percam a noção de tempo e espaço, em um percurso quase labiríntico, acentuando seu desligamento da realidade que o circunda, ficando mais propensa a divertir-se. Entretanto, em alguns momentos específicos do passeio, os usuários saem em terraços e rampas que os trazem novamente à realidade caótica, como inevitavelmente será, e situando-os no tempo e no espaço, retornando o contato com a luz natural e com as surpresas das vistas diferentes que cada saída apresenta. As caixas que compõe o museu fluem em níveis como uma música flui em uma partitura, ritmo que é representado na composição da fachada da edificação. O Museu possui uma conformação vertical, que encontrou grandes desafios e decisões projetuais como fugir da opção convencional corredor x salas de exposição e tornar um museu desta proporção inteiramente acessível. Tais desafios foram solucionados com a opção da circulação atravessar as salas de exposição, guiando os visitantes de uma para outra por meio de rampas acessíveis, que por descenderem aos poucos os níveis, não parecem levar os visitantes por tantos metros de altura. O percurso sugerido para os fluxos de visitantes seria o de subir pelo elevador principal e descer pelas rampas, desfrutando aos poucos das surpresas. O percurso em forma de espiral, em torno do núcleo central, acaba aonde tudo começou, no caos, novamente no hall de entrada.

# Rebouças

Dentro da cidade de Curitiba, o local escolhido para a implantação do museu foi o Rebouças, bairro localizado na Regional Matriz. Observa-se que nas últimas décadas, tem ocorrido neste bairro uma mudança em seus usos, tipologias de ocupação e em sua paisagem. O Rebouças é um bairro que tem deixado sua característica original industrial, e tem aumentado cada vez mais atividades imobiliárias na região, dentre outras. Sua proximidade com a área central, como um respiro do Centro, é um fato a ser considerado. A importância da cultura para um bairro com tamanho potencial e em plena transformação pode ser um catalizador de novas relações urbanas que ajudem a qualificar a área e agregar a ela a vitalidade que está lhe faltando e o Museu da Música poderá contribuir com tais mudanças. A proximidade com o centro, a presença de centros educacionais próximos, a localização estratégica com grande fluxo de pessoas, a modificação da forma de ocupação e usos, a facilidade de acesso do aeroporto e da rodoferroviária, a presença da população jovem, presença de equipamentos culturais relacionados à temática do museu, e por fim o potencial que o equipamento cultural traria à região como marco arquitetônico que poderá potencializar uma possível revitalização urbana da área, todas estas características representam potenciais para a inserção do Museu da Música no bairro Rebouças.

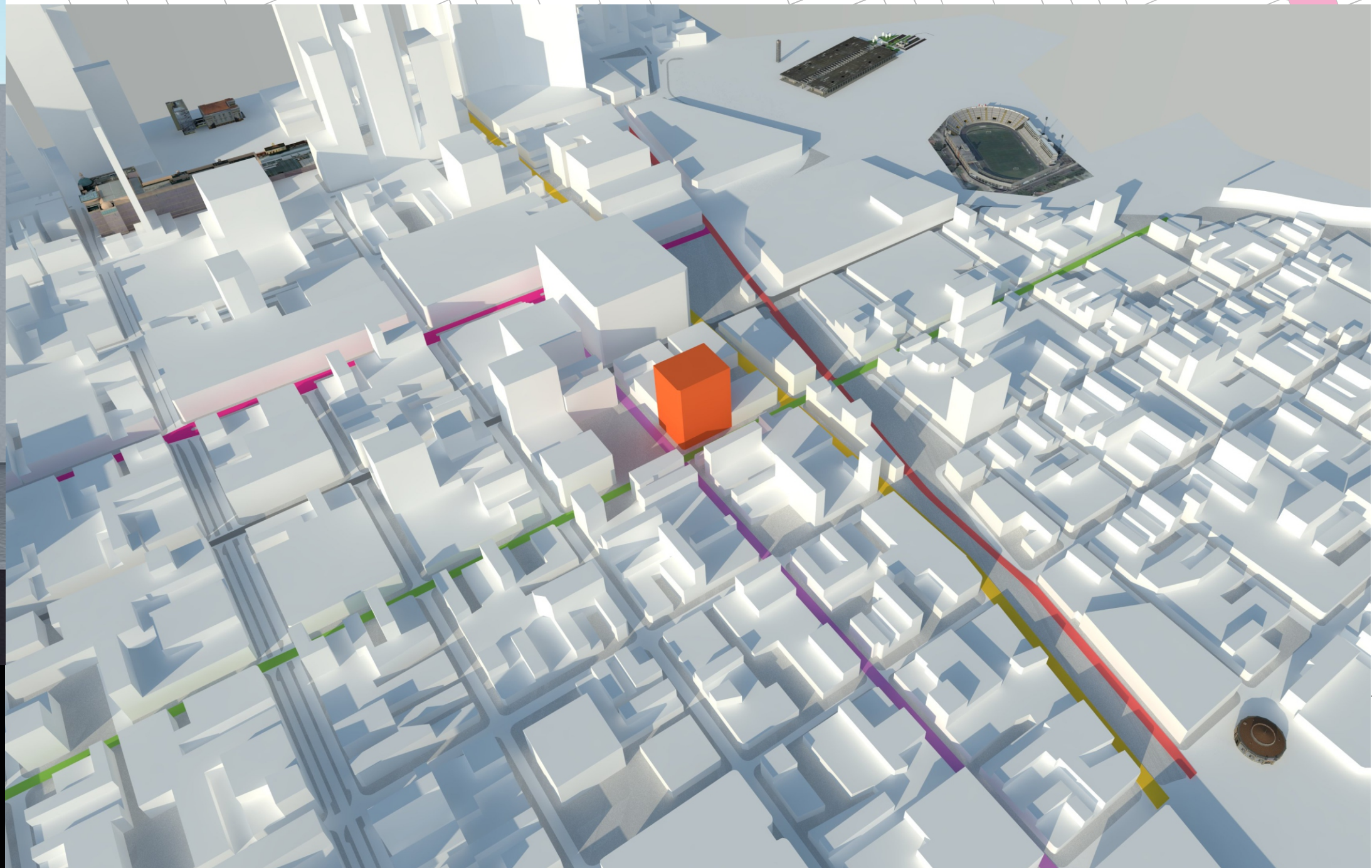
A localização determinada para a realização do projeto do Museu da Música dentro dos limites do bairro Rebouças é na Rua Brasília Itiberê esquina com a Rua Piquiri. A inserção do Museu nesta área específica do bairro deve-se a presença de outros equipamentos culturais nas proximidades, como a Fundação Cultural de Curitiba e o Teatro Paol.



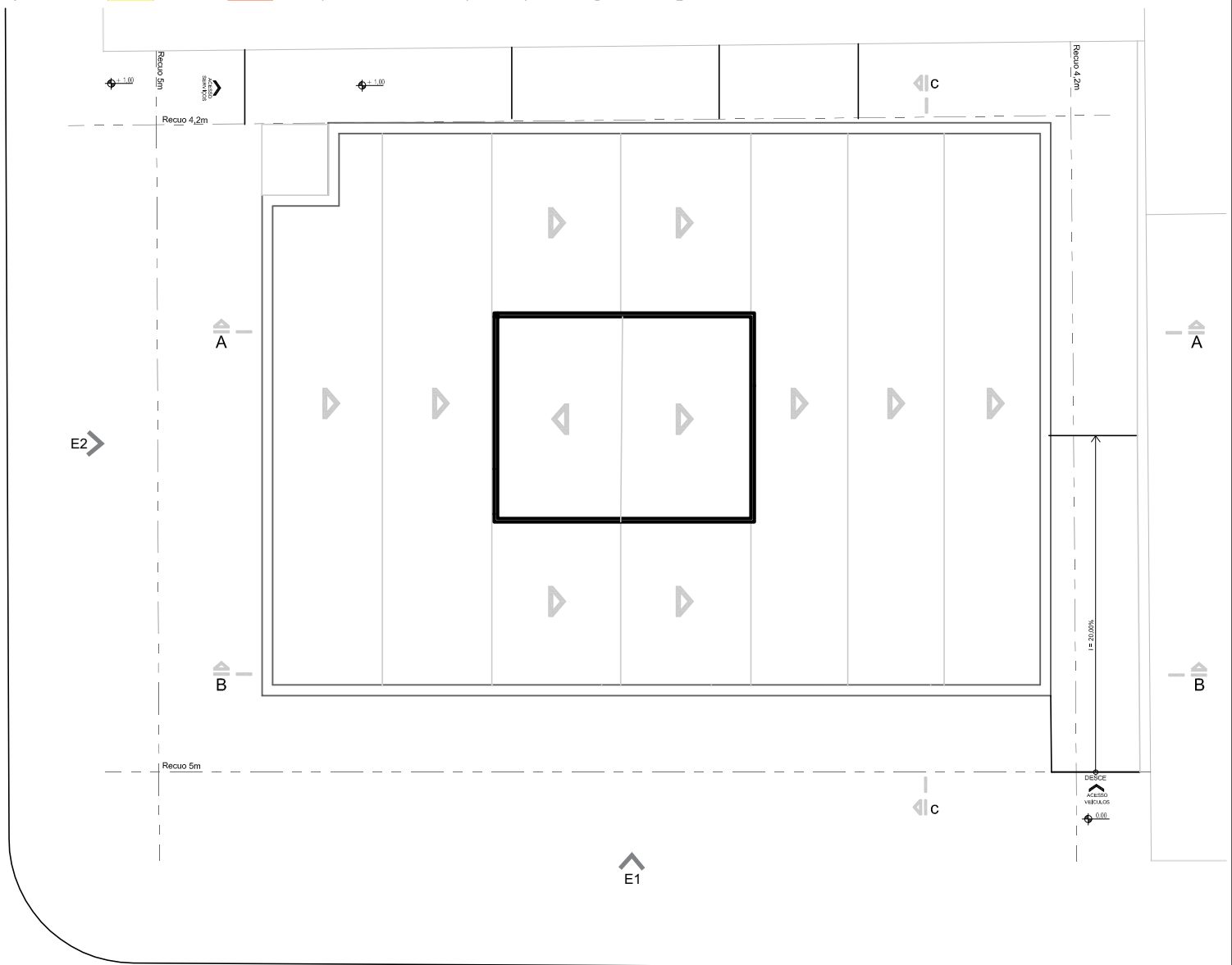
ESC. 1:2000



- R. João Negrão
- R. Conselheiro Laurindo
- R. Piquiri
- R. Brasília Itiberê
- R. Engenheiros Rebouças
- Av. Getúlio Vargas
- Museu da Música



R. PIQUIRI



R. BRASÍLIO ITIBERÊ



IMPLANTAÇÃO - ESC. 1:350

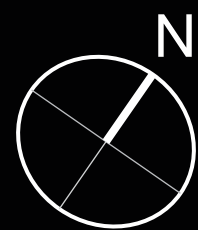
As plantas deste projeto serão apresentadas conforme a simulação do percurso de um visitante.



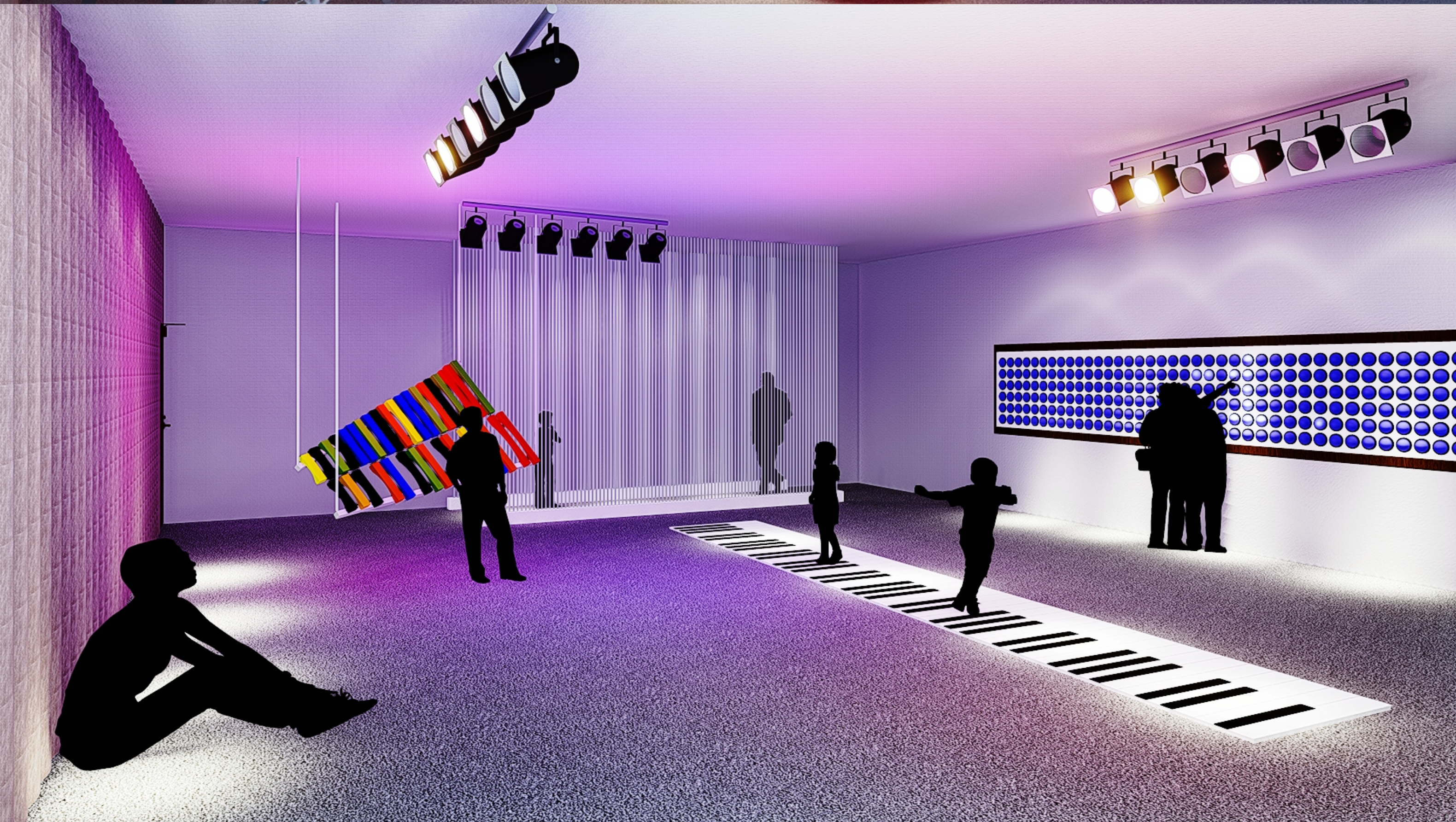
TÉRREO - ESC. 1:200

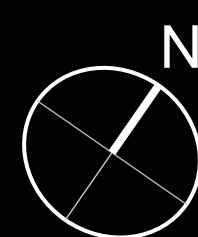
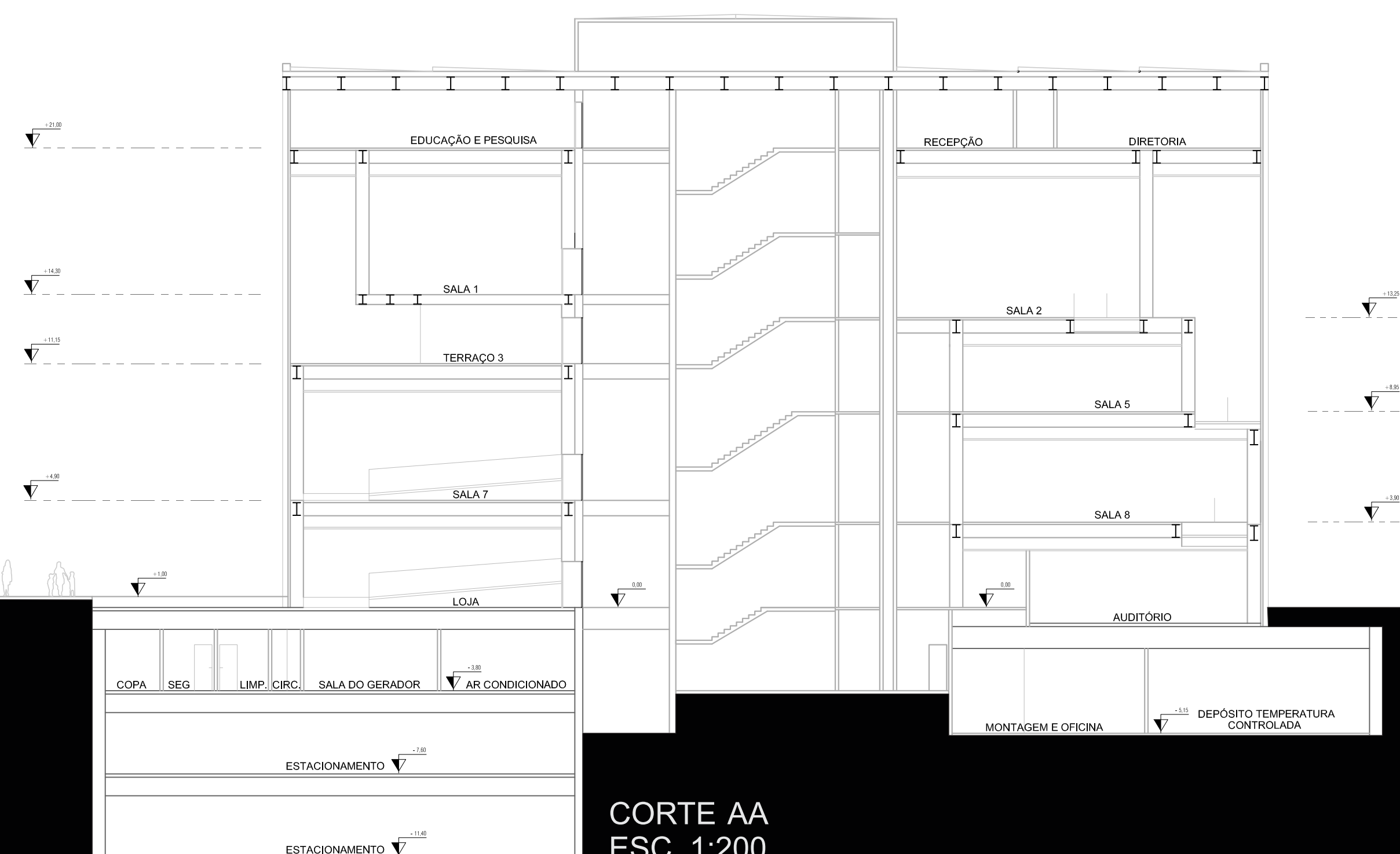
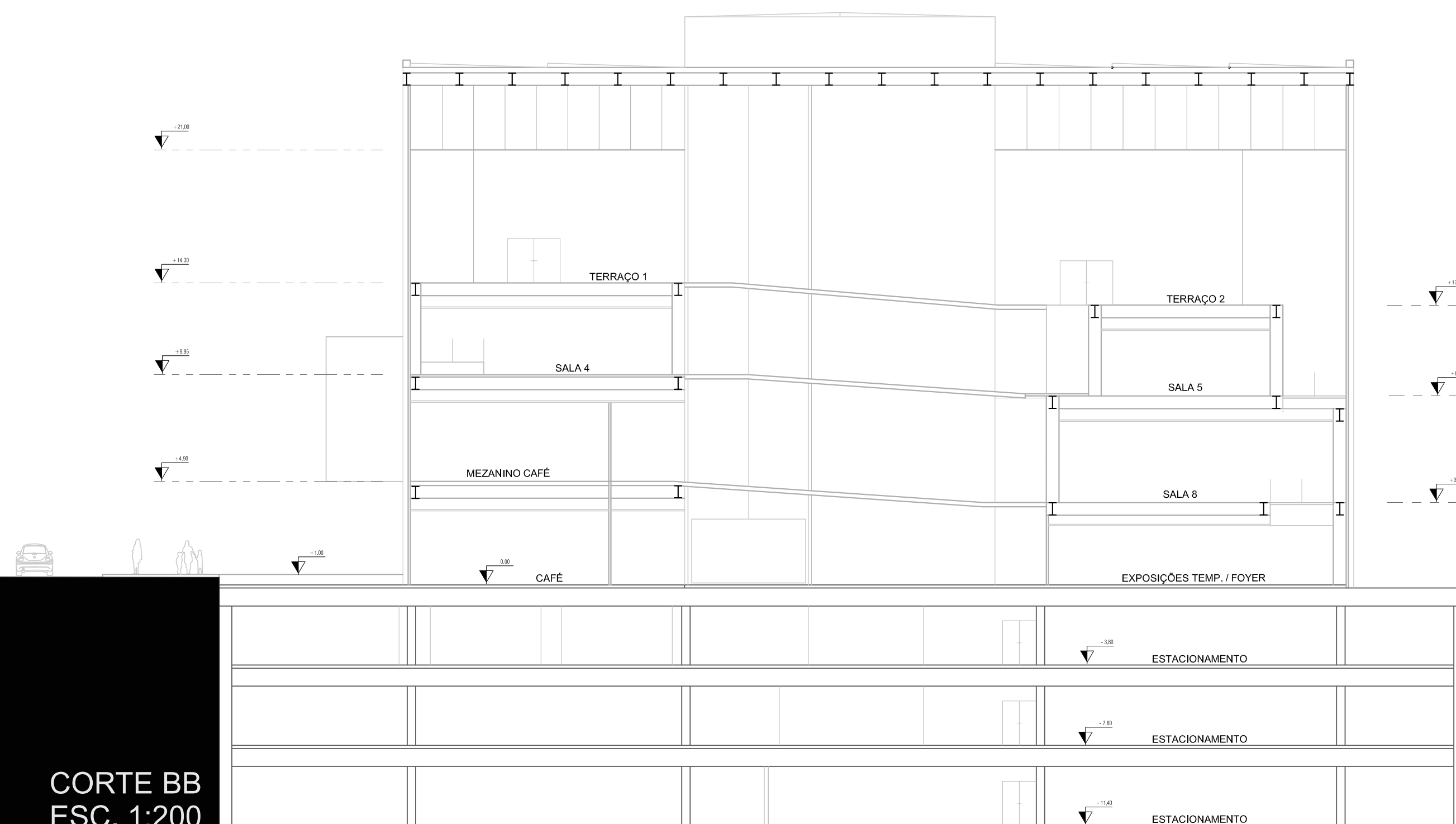


4º PAVIMENTO - ESC. 1:200



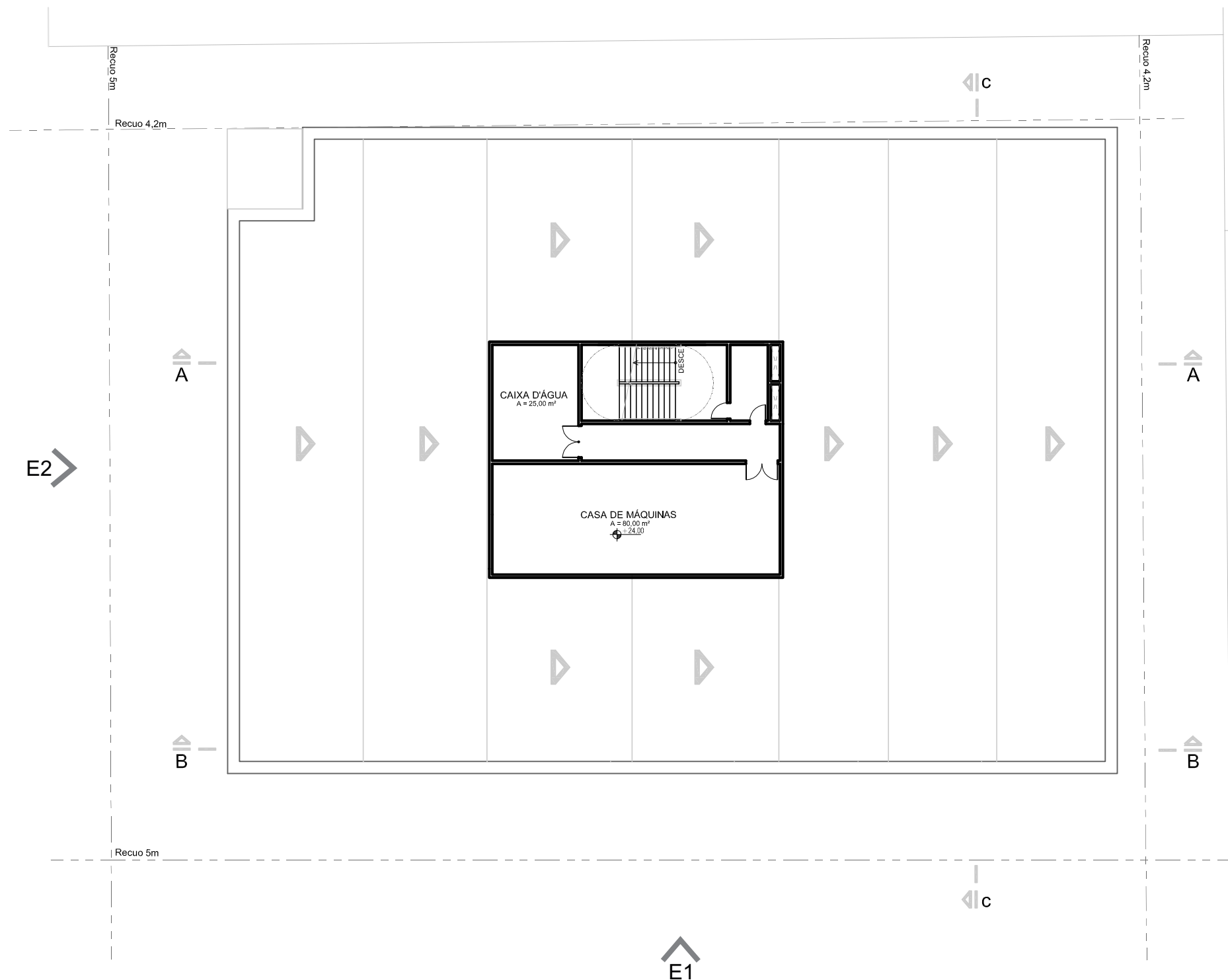
A 3D architectural rendering of a modern music rehearsal space. The room features a large drum kit, a keyboard, and several large black ottomans. The walls are covered in acoustic panels, and the ceiling is equipped with track lighting. The lighting is warm and focused on the instruments.



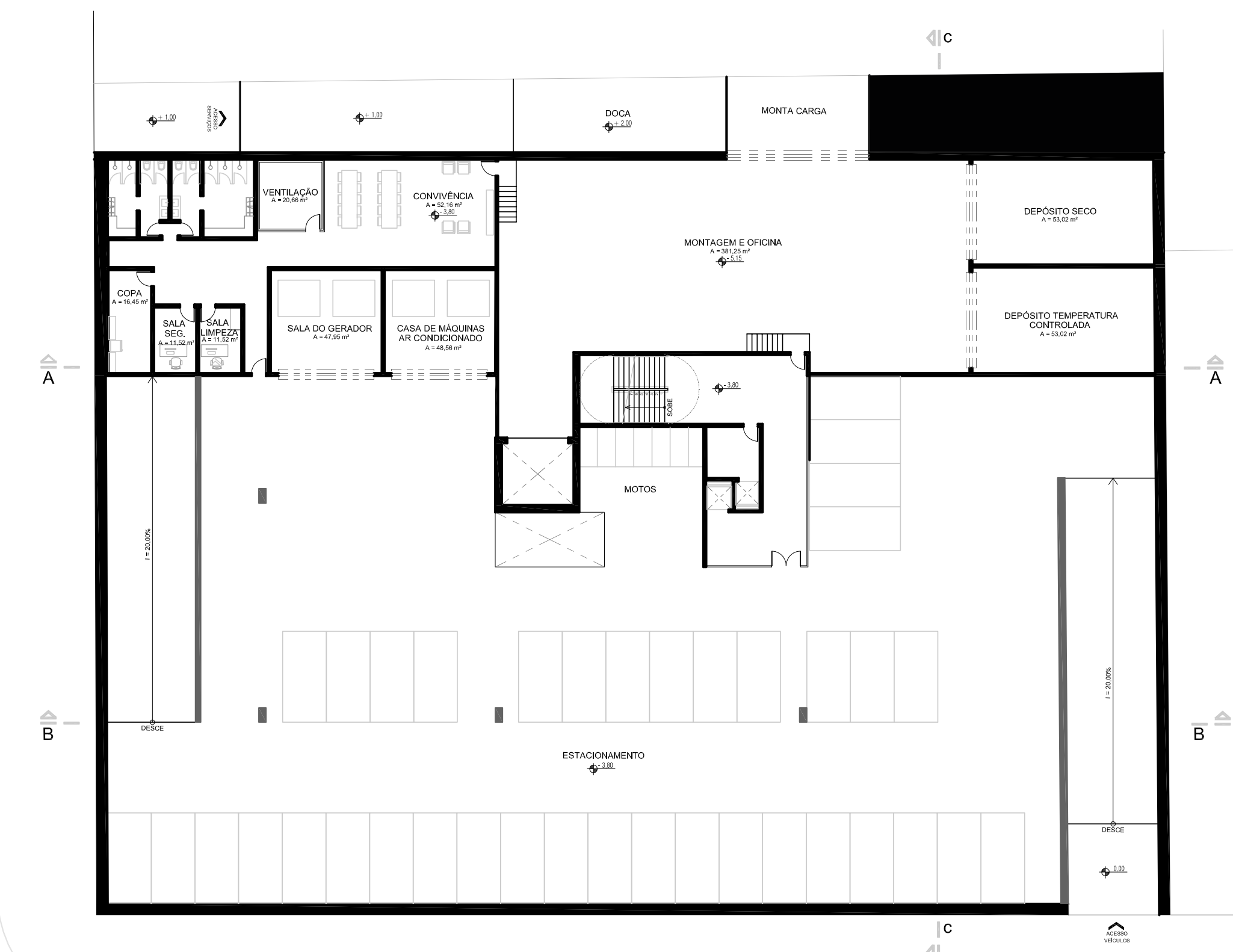




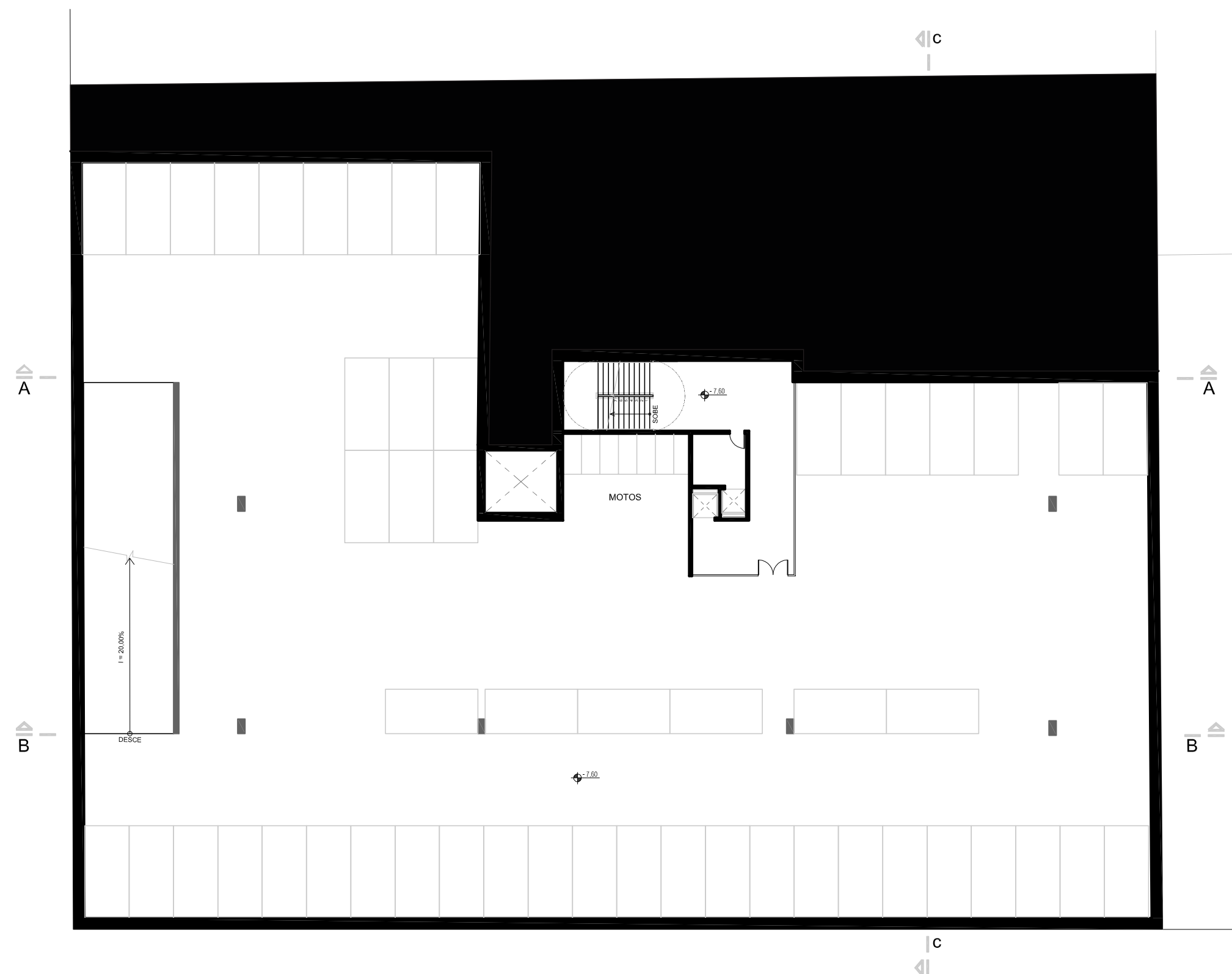
5º PAVIMENTO - ESC. 1:250



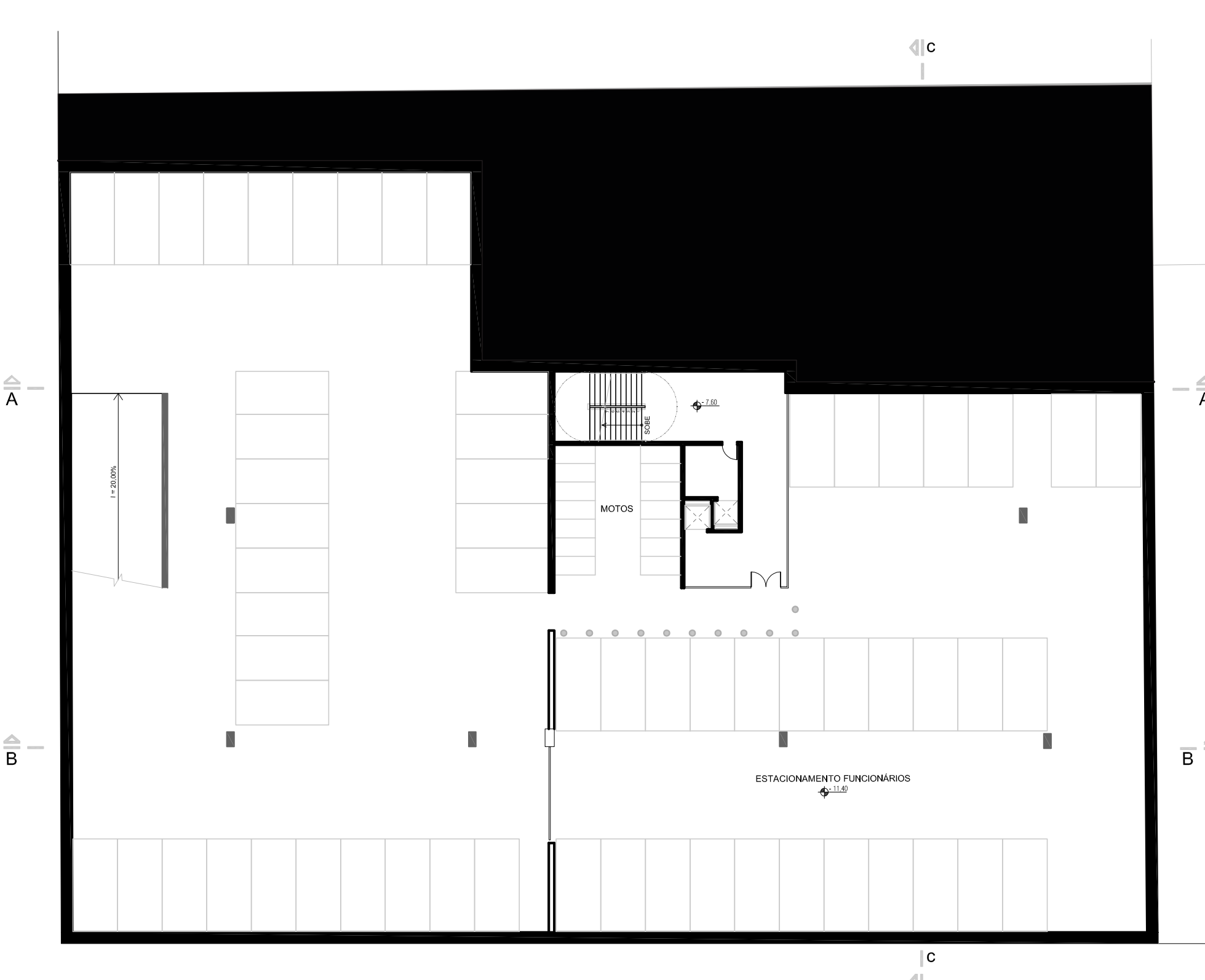
COBERTURA - ESC. 1:250



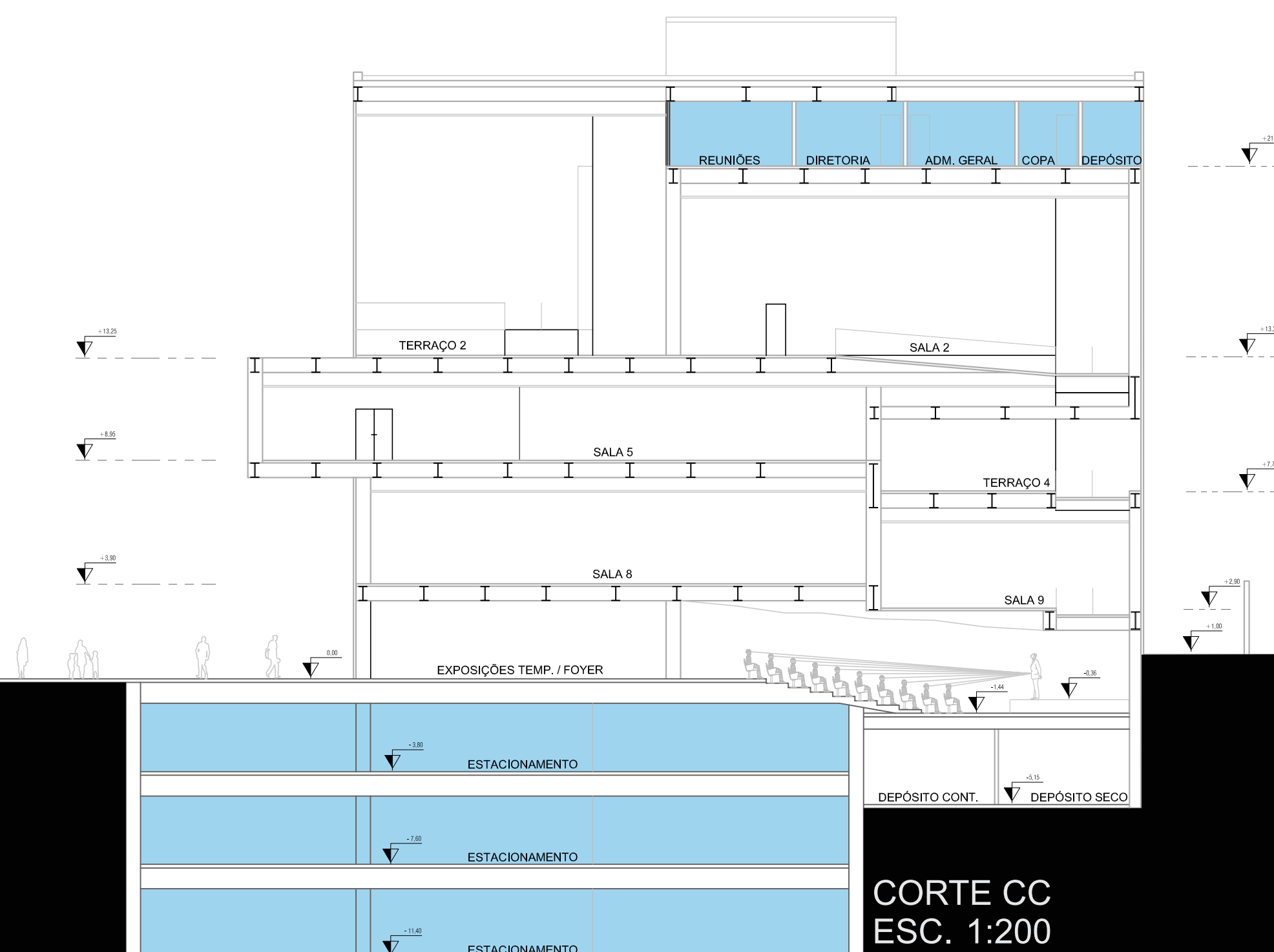
SUBSOLO 1 - ESC. 1:250



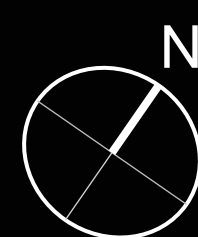
SUBSOLO 2 - ESC. 1:250



SUBSOLO 3 - ESC. 1:250



CORTE CC  
ESC. 1:200



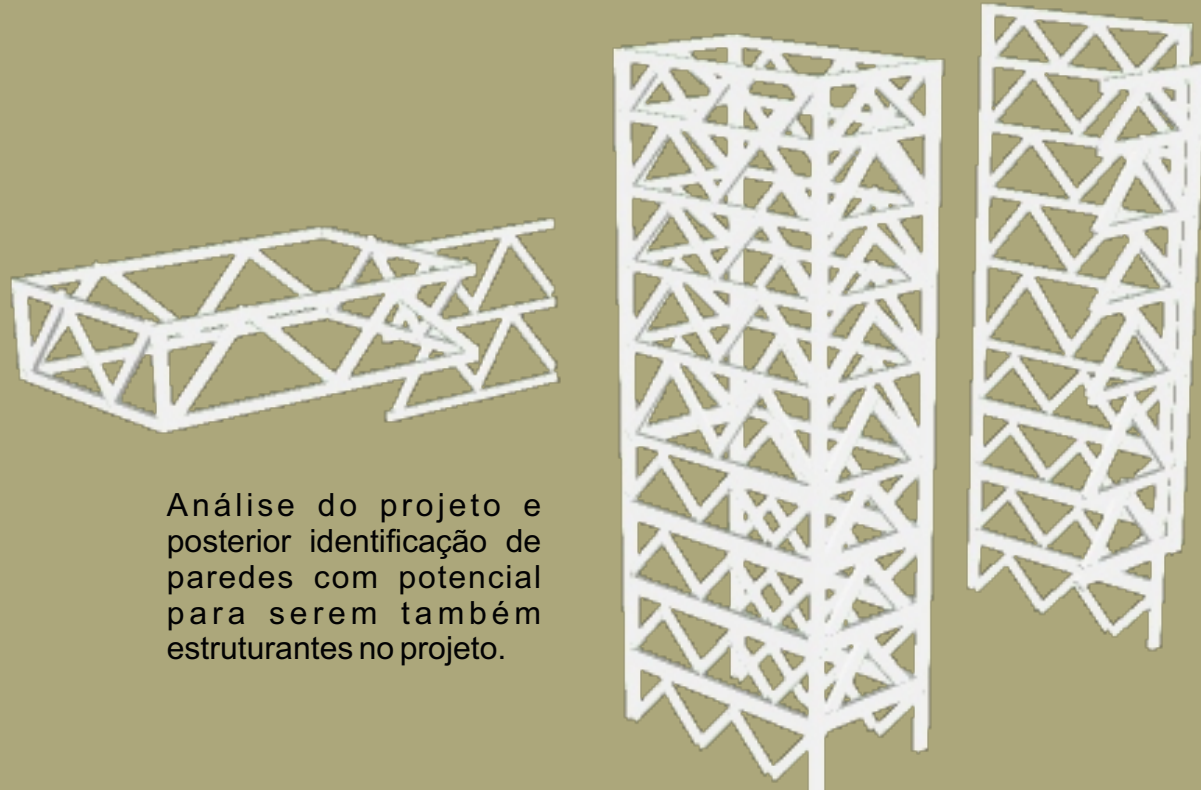
# Estrutura Metálica e Acústica

A estrutura do Museu da Música é metálica. O núcleo central é a principal base que estrutura o edifício. Este núcleo é o centro de intersecção dos esforços e participa ativamente de dois grupos estruturais. Um deles, formado pelas caixas que compreendem as salas de exposição e outro formado pela fachada e subsolos. Desta forma, a fachada não se apoia nas caixas, e as caixas não se apoiam na fachada. Portanto, o peso exercido pela fachada é apenas o seu peso próprio, que está distribuído pelos grandes pilares. A grande cobertura superior também se apoia nos pilares, assim como no núcleo central. Este exerce um papel fundamental, devido à sua localização, pois ele determina as distâncias dos vãos que as vigas devem vencer.

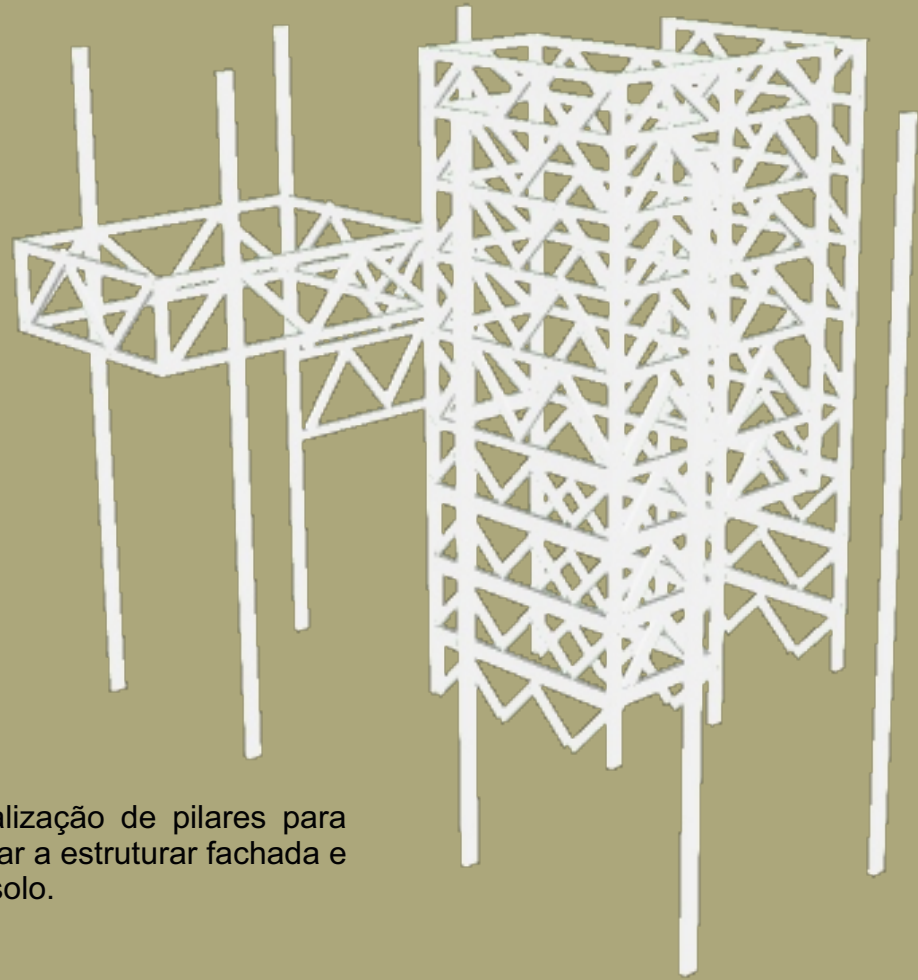
Desta forma, apesar de o edifício passar a sensação de grandes vãos, eles são contatos até o centro. Acústica do edifício parte do conceito do Museu, em que a parte externa às caixas das salas de exposição permite a entrada do som da cidade e a reverberação do som livremente entre os espaços residuais conformados pela disposição das caixas. No interior das salas, as decisões projetuais se depararam com o desafio da neutralidade, pois deveria-se constituir um espaço acusticamente funcional e que servisse as mais variadas exposições. Para atingir o efeito desejado, propõe-se materiais isolantes nas paredes, que garantirão a quebra com o caos externo. E propõe-se, ainda, painéis com formas que quebrem o paralelismo das mesmas.



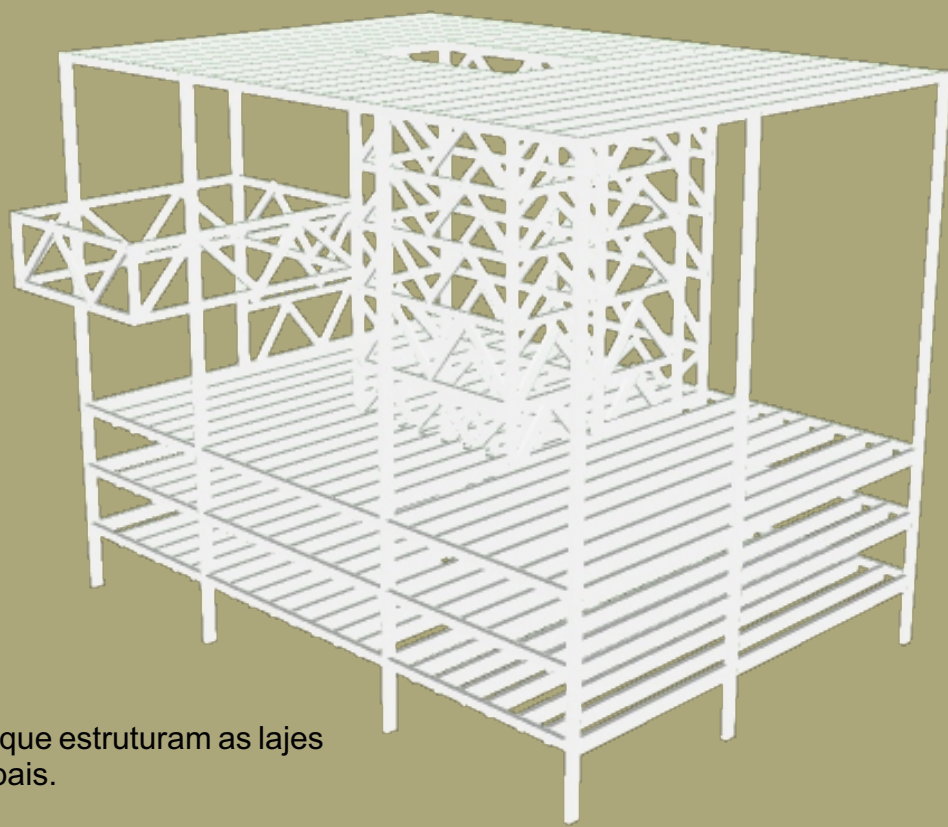
Núcleo central estrutural, base de toda a estrutura do edifício.



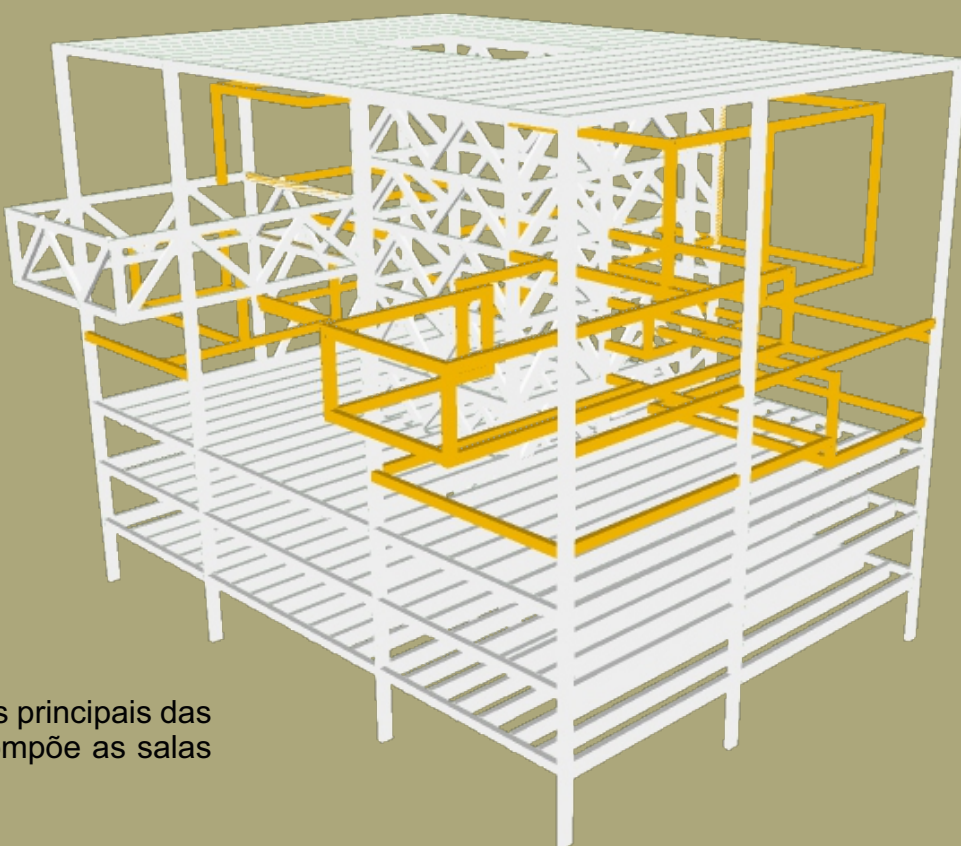
Análise do projeto e posterior identificação de paredes com potencial para serem também estruturantes no projeto.



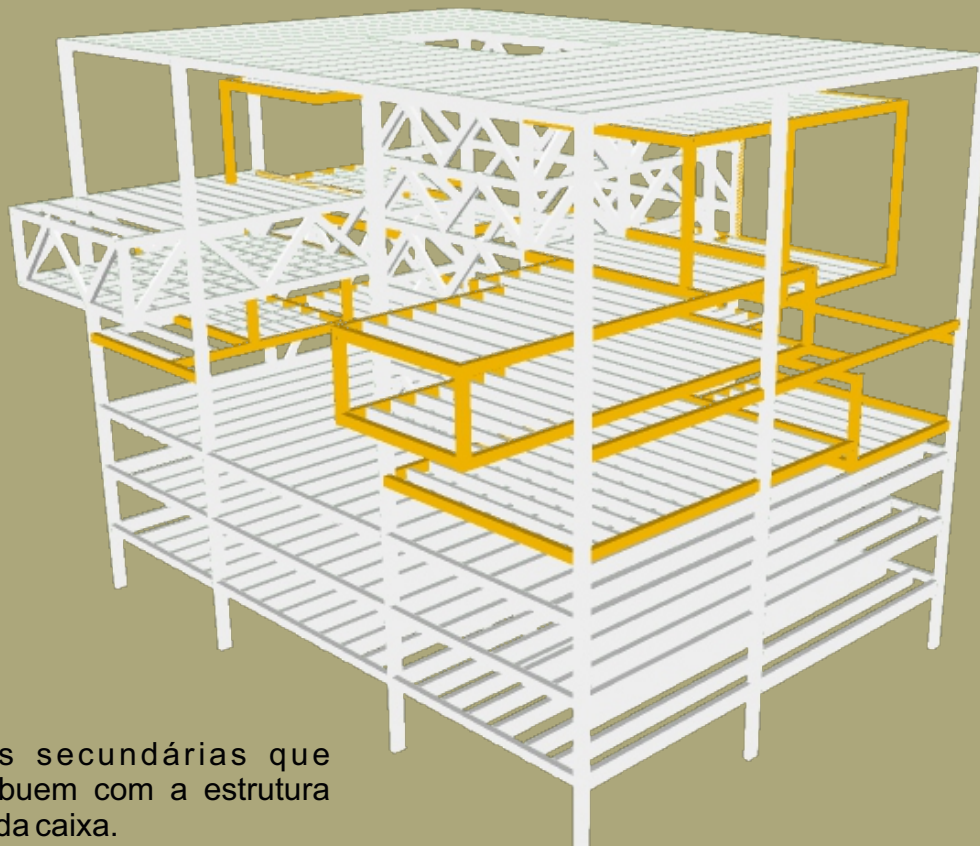
Localização de pilares para ajudar a estruturar fachada e subsolo.



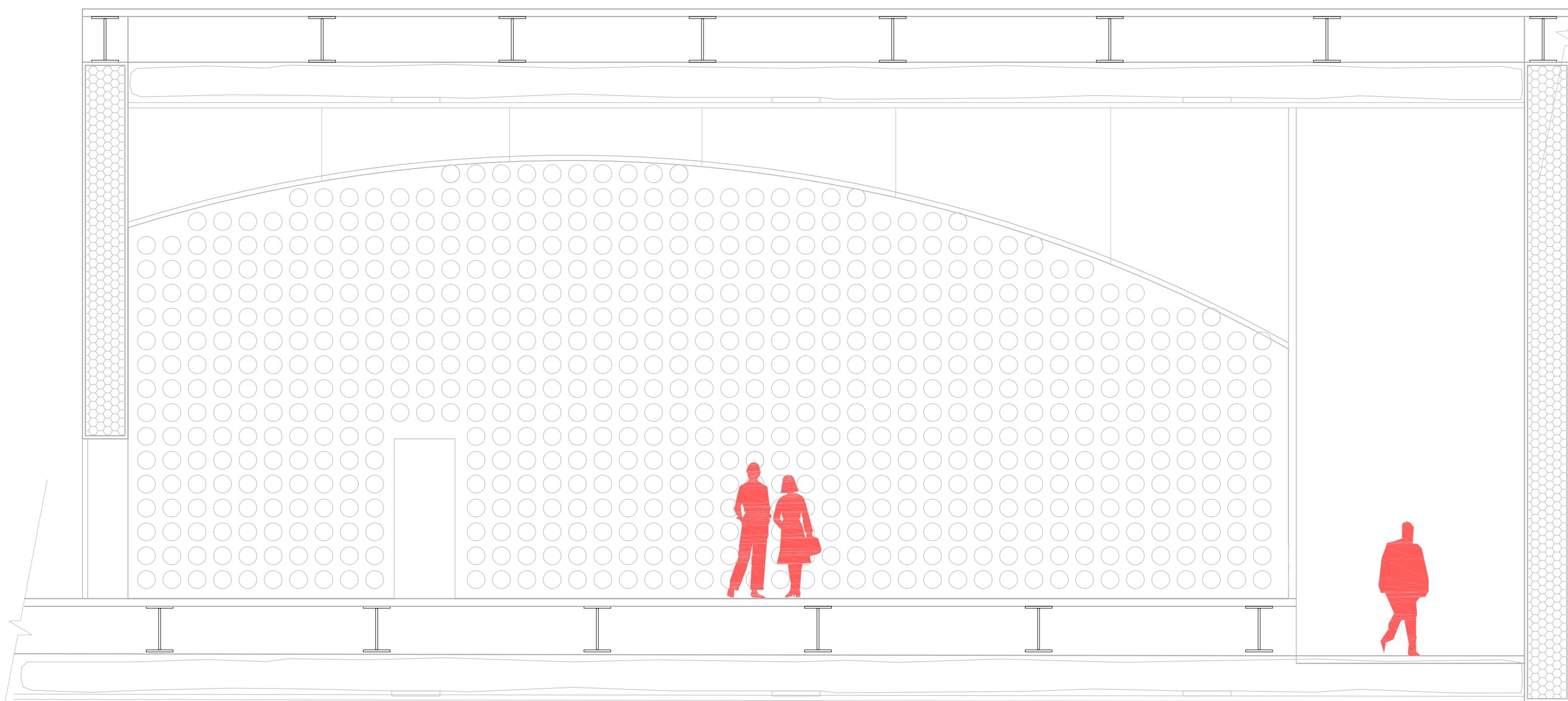
Vigas que estruturam as lajes principais.



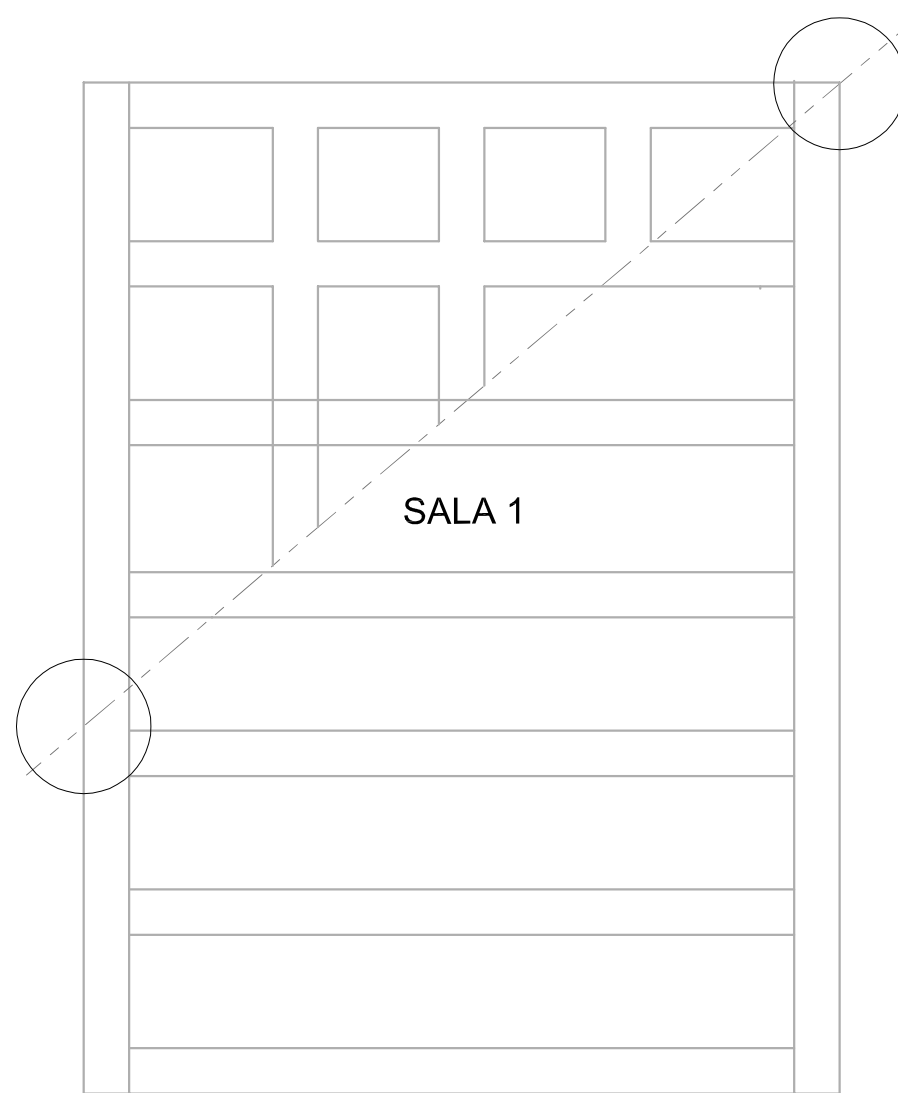
Vigas e pilares principais das caixas que compõem as salas de exposição.



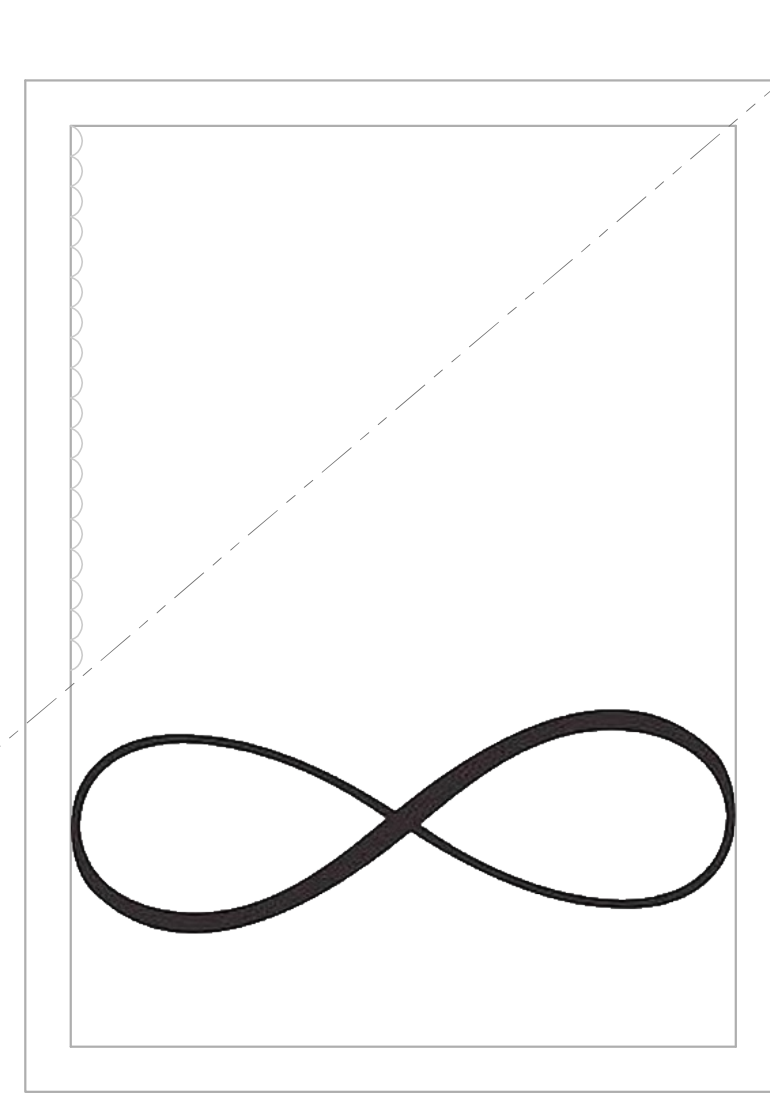
Vigas secundárias que contribuem com a estrutura de cada caixa.



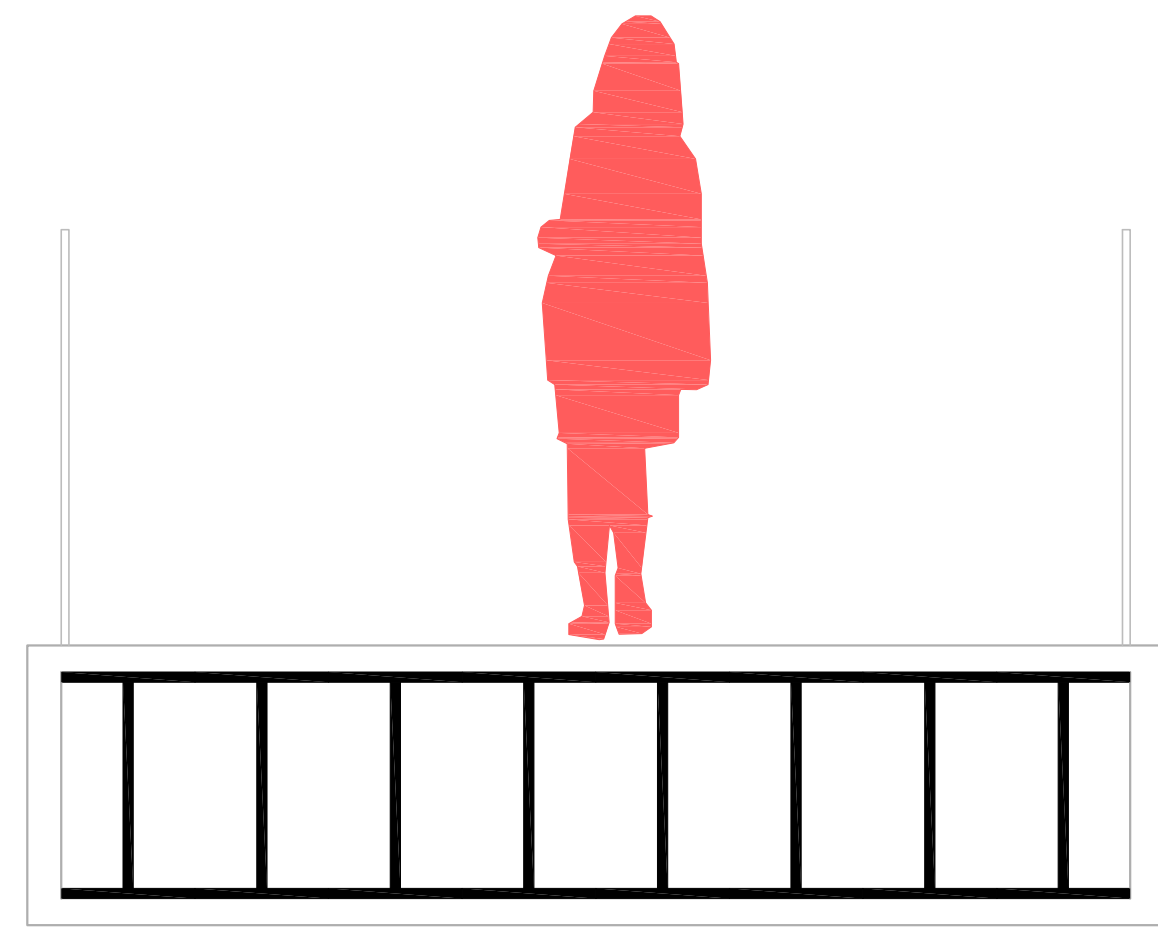
CORTE SALA 2 - ESC. 1:50



ESQUEMA ESTRUTURAL ESC. 1:100



ESQUEMA ACÚSTICO ESC. 1:100

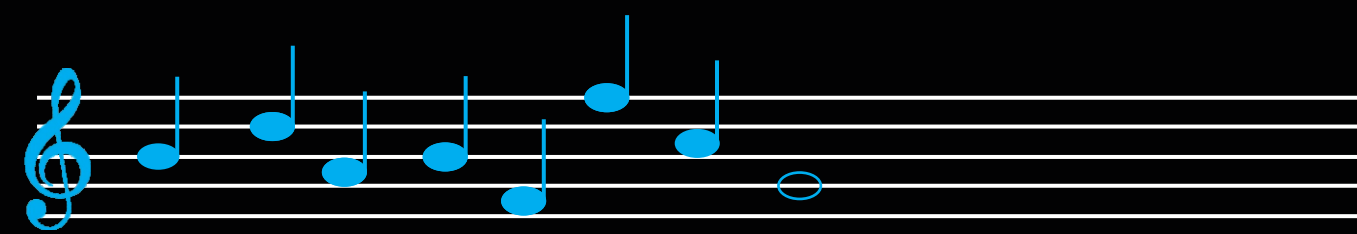


ESQUEMA ESTRUTURAL RAMPA ESC. 1:20

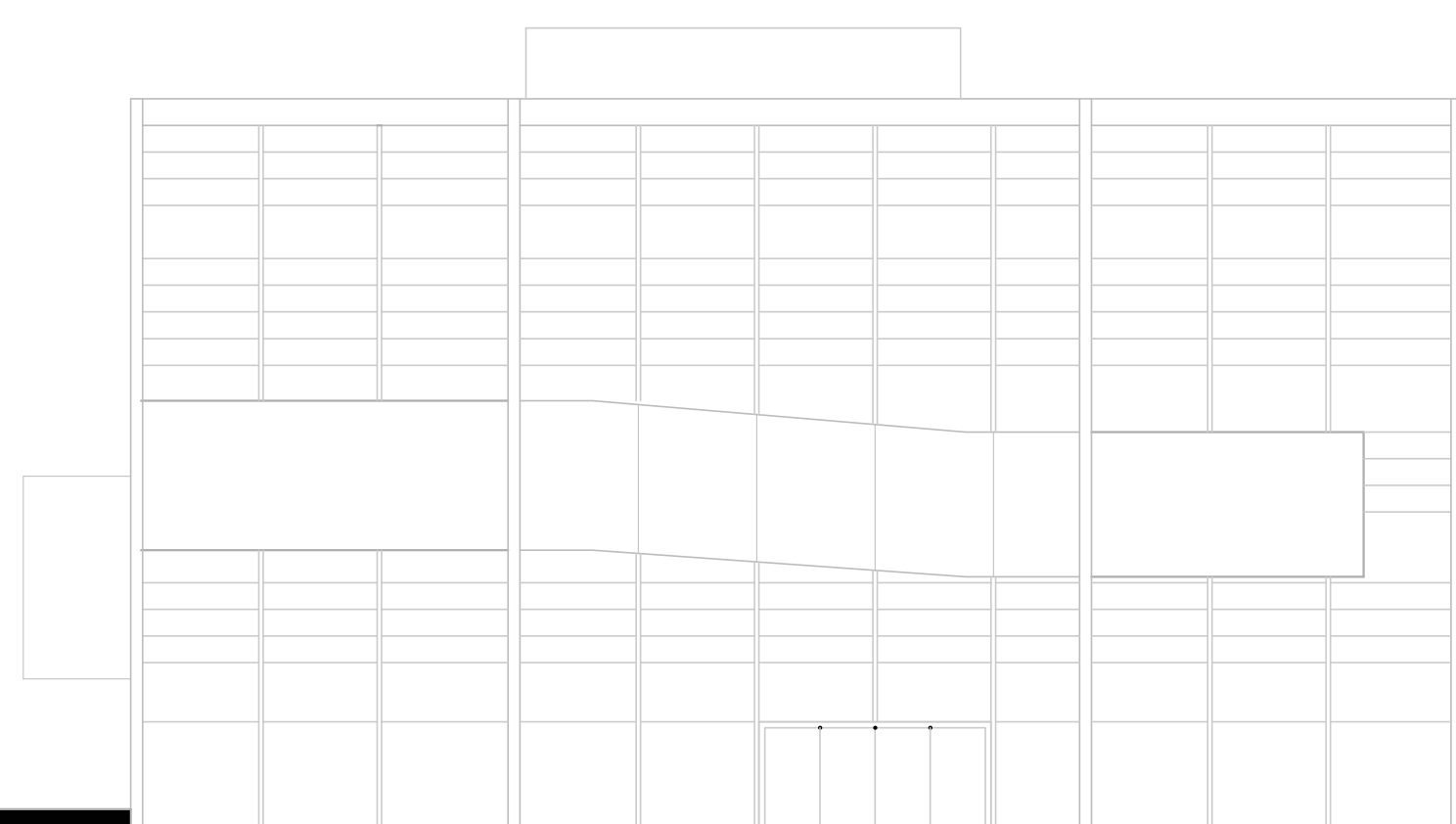
Alguns pontos críticos foram identificados na complexa disposição formal do Museu da Música. Dentre elas, os grandes balanços conformados por algumas caixas. As diretrizes para a caixa em estado mais crítico, a que compreende a sala de exposição 04, são que ela por si só funcione como uma grande viga estrutural. Já para os demais balanços, as diretrizes dadas neste projeto são de que sejam identificados os pontos mais críticos do balanço, como no exemplo acima, da sala 01, e que seja determinado que as vigas tenham a partir destes pontos críticos uma conformação em grade, para reforço da estrutura.

Um grande desafio na determinação da infraestrutura acústica desta edificação, foi determinar uma base que satisfizesse acusticamente todas as possíveis exposições, sem entrar em detalhes que pudessem ter particularidades que viessem a atrapalhar, ou seja, foi perseguida a tentativa de adquirir um caráter neutro. Para isto, as diretrizes são que em uma das paredes paralelas, sejam colocadas painéis com nervuras ou rugosidades que devido à sua forma irregular, quebrem o paralelismo que iria acontecer se ambas as paredes fossem lisas. A mesma conduta deverá ser feita em relação a teto e chão. Este paralelismo só era benéfico na época das músicas de câmaras e canto gregoriano, em que a reprodução e mistura das notas pelas paredes era somada a música e benéfica para o resultado pretendido. Entretanto, é um efeito a ser evitado na maioria das outras formas de música. Ainda coloca-se como diretriz, o preenchimento das paredes das caixas, as quais não são estruturais, com materiais de isolamento acústico, para conseguir o contraste desejado entre o interior e o exterior das caixas.

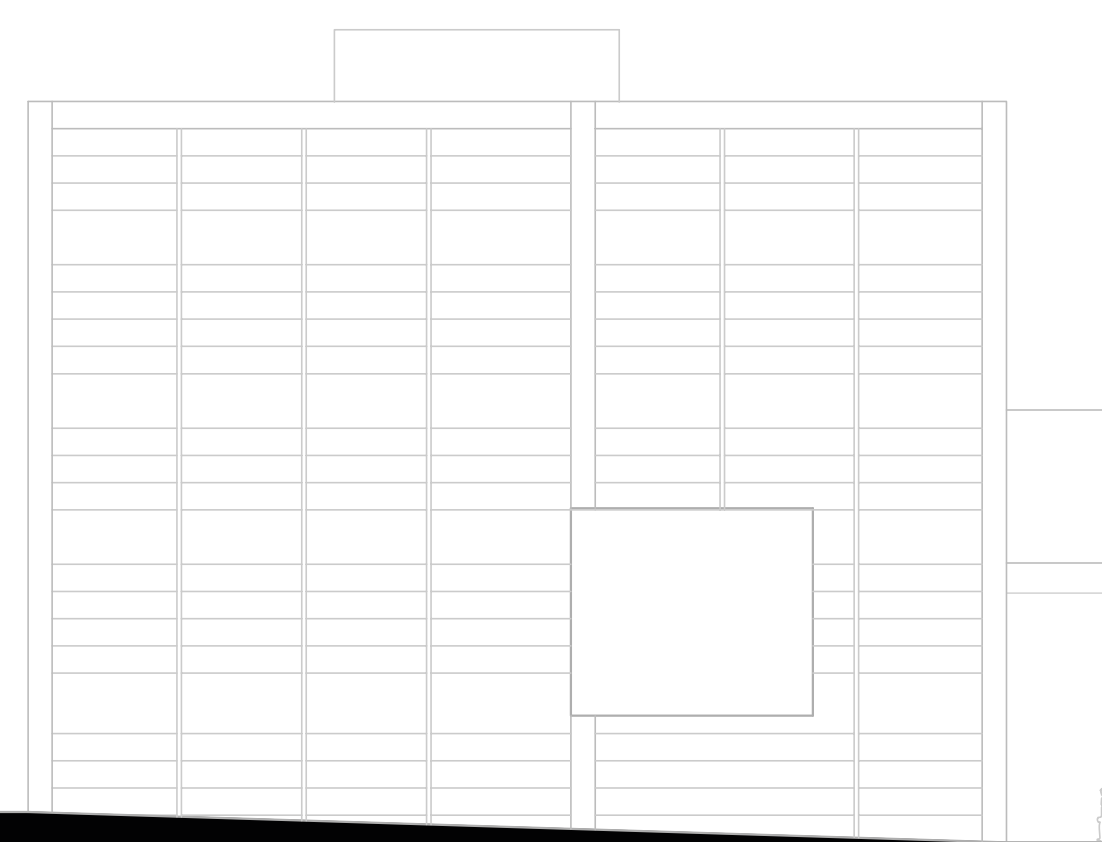
As rampas do museu tem sua estrutura metálica formada por vigas colocadas lado a lado. Esta foi a estrutura adotada, para atender a premissa de que as rampas fossem o mais finas possíveis, para ir de encontro à estética pretendida na edificação. Estabeleceu-se que o peso da rampa será compreendido pelo seu peso próprio, somado ao peso das pessoas que por lá poderão passar ao mesmo tempo e ainda pelo peso de eventuais cargas de objetos utilizados nas exposições interativas. Desta forma, as vigas paralelas atenderão as premissas anteriores de forma bem sucedida.



VÍVIAN DA SILVA DE SANTANA  
ORIENTADA POR ARTUR RENATO ORTEGA

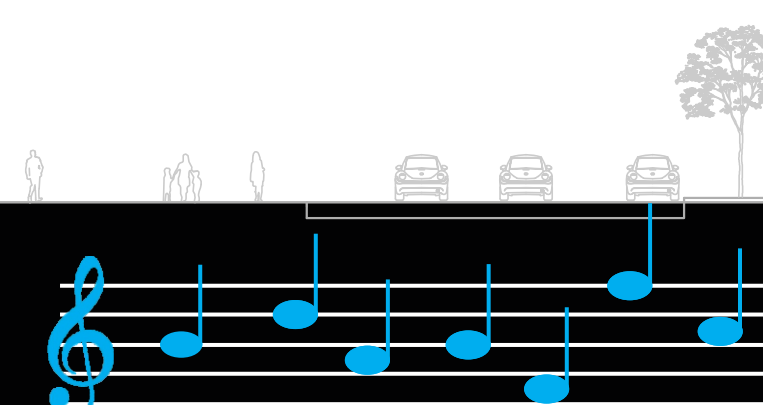


ELEVAÇÃO 1  
ESC. 1:200



ELEVAÇÃO 2  
ESC. 1:200

*Museu da Música - Curitiba PR*



VÍVIAN DA SILVA DE SANTANA  
ORIENTADA POR ARTUR RENATO ORTEGA